Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII • nº258 • Uberaba/MG • de 2 a 8 de setembro de 2003

VIDA DE ALBERGUE

págs. 6, 7, 8 e 9

issuu-downloader.com

Editorial

O primeiro passo

Temas sociais novamente ganham destaque, nessa edição. Com a reportagem do aluno Rafael Ferreira, que em visita ao Albergue Municipal descobriu um pouco da vida "itinerante" de quem sofre com o descaso da família e da sociedade.

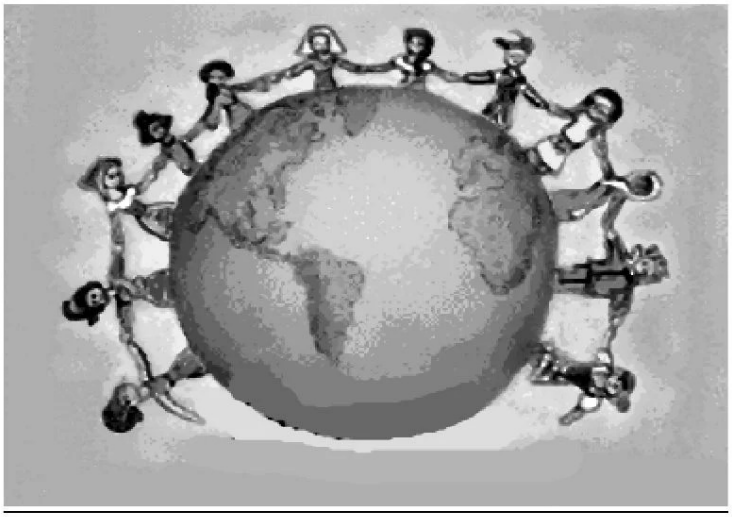
Se a realidade dessas pessoas fosse um pouco diferente, podíamos apostar em um futuro, onde todos teriam dias de festas, regados a felicidades e boas lembranças, como os dispostos dançarinos dos bailes da terceira idade.

Nada que nos faça desanimar; afinal quem acreditaria que a mulher pudesse ganhar tanto destaque? Nós acreditamos!

Reportagem do descobriu um pouco da vida "itinerante" de quem sofre com o descaso da família e da sociedade

E sabemos que a sociedade pode mais, basta lembrar que as metamorfoses sociais só acontecem quando nelas se acreditam.

Quem sabe momentos de introspecção, seja o primeiro passo não só para uma renovação íntima, mas para uma mudança social. Porque assim como a juventude, a vontade de ser melhor esta na cabeça de cada um.



D.A. de Nutrição realiza Café Acadêmico

Em comemoração ao dia do Nutricionista (31 de agosto), será realizado um café acadêmico no saguão da biblioteca da Uniube, no dia 02 de setembro, terça-feira, de 13h30 às 17h30. Neste evento, alunos realizarão avaliações de composição corporal nos interessados.

Às 19h serão realizadas palestras no anfiteatro da biblioteca com as nutricionistas Marcia Zaidan, que falará sobre obesidade e reeducação alimentar; e Taciana Cecílio, que discutirá temas relativos à profissão do nutricionista.

Os participantes receberão Certificados de Participação.

OMBUDSMAN

"Aluno" ou "estudante"? – II

Newton Luís Mamede

Estendendo as considerações exaradas no artigo anterior, trataremos da divulgação de *heresias* no meio universitário, já em âmbito nacional, a respeito da confusão que se faz sobre a etimologia da palavra *aluno*. Vimos, naquele artigo, que a idéia que já está ganhando campo vantajoso e, infelizmente, desastroso é a de que a palavra significa *"não luz"*, ou *"sem luz"*, pois, segundo etimologia forjada e levianamente inventada, "é formada pelo prefixo *a-*, que significa negação, e pelo elemento *lun-*, adulteração de *lumen, luminis*, do latim, que significa *luz*"... Vimos que se trata de erro grosseiro, destituído de senso crítico e de espírito científico dos inventores da tal etimologia, pois a palavra, que já existe em latim muito antes de Cristo (*alumnus*), significa, dentre outras idéias: criança de peito (isto é, que mama na mãe), lactente, menino; e, daí: aluno, discípulo. E a etimologia é simplesmente a seguinte: *alumnus* deriva do verbo *alere*, em latim, que significa: alimentar, nutrir, crescer, desenvolver, animar, fomentar, criar, sustentar, produzir, fortalecer, etc.

Uma das conseqüências do erro citado e alastrado (*aluno* significa *não luz, sem luz*) é a adoção da palavra *estudante*, em lugar de *aluno*, por professores universitários que "aprenderam" essa bobagem e acreditam nela, sem a devida pesquisa na fonte segura, isto é, em dicionários respeitáveis e confiáveis de língua portuguesa e de língua latina. E, acreditando nela, seguem-na e adotam-na em sala de aula ou em outros setores de uma universidade. Isto mesmo: de uma universidade!

Mais ainda: o nível de professores que *pregam* essa *heresia* é de alto "gabarito", de pós-graduação inclusive. Tão logo foram divulgados os artigos anteriores, em que expusemos o fato e as devidas explicações (corretas) sobre a etimologia da palavra *aluno*, diversos professores que conhecemos, alguns até nossos ex-alunos, comunicaram-nos, assustados e decepcionados, que, em cursos de mestrado ou de doutorado que eles fizeram, em cidades de Minas Gerais e de São Paulo, a bobagem é ensinada e (pasmem!) *exigida* pelos professores orientadores, mestres e doutores: empregar a palavra *estudante*, em lugar de *aluno*, pois esta significa "ausência de luz", por isso é "ofensiva" ao **aluno**... (eles diriam: ao *estudante*...). Muitos desses professores são conceituados pedagogos e *ministradores* de palestras e cursos de treinamento de outros tantos professores.

E todos os que comentaram conosco esses desvios, alguns que aprenderam o *errado*, e outros que nunca adotaram tal absurdo, fizeram os mesmos questionamentos, alguns dos quais já mencionamos noutros artigos: como confiar na universidade?, como confiar em professores universitários?, como confiar em pedagogos que constroem ensinamentos ou teorias fundados em erros, em conceitos falsos?, como confiar no que ouvimos e "aprendemos" de professores de elevado conceito?, em quem devemos confiar?, qual a segurança que a universidade inspira?

Agora, vejam a bobagem maior. Na própria língua portuguesa, a palavra *estudante* não é sinônima perfeita da palavra *aluno*. Tampouco elas possuem equivalência exata. Elas não possuem o mesmo emprego, isto é, não são usadas nas mesmas situações ou estruturas de frase. Um professor diz, por exemplo: "Antônio foi meu aluno, e não meu 'estudante' "... E mais: nós fomos (ou eu fui), com muita honra, aluno do eminente gramático Evanildo Bechara, e não "estudante" dele... Alguém nos informa satisfeito: "minha filha é sua aluna", e não sua "estudante"... Por outro lado, dizemos: *Diretório Central dos Estudantes*, e não "dos Alunos". E assim por diante.

É urgente, pois, resgatar (palavra da moda...) a seriedade, a responsabilidade e a confiabilidade que uma escola superior precisa inspirar. Como sede do saber científico, a universidade não pode ensinar, adotar nem divulgar erros, *inverdades*, conceitos falsos. Sob pena de perder o respeito e a credibilidade que lhe são devidos.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Brges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Sexualidade

Saudades do machismo

Melina Afonso
6º período de Jornalismo

J Desamers/www.bitniks.es

Uma pesquisa feita por um Instituto paulista definiu o perfil da mulher do século 21. De acordo com o estudo, essa mulher vem intitulada como "mulher transformadora".

A mulher transformadora se difere das "antigas" em vários aspectos. O que mais me intrigou e despertou para o assunto foi a idéia de que essa mulher não se prende a compromissos, não planeja vida a dois e se preocupa primeiramente com o sucesso profissional.

É, engraçado ver a mulher que há tão pouco tempo não tinha sequer o poder de decisão política, que se portava de forma submissa ao homem, e tinha como principal função na sociedade procriar, cuidar da casa e dos filhos, se impor de forma tão independente.

A tão sonhada e suada independência feminina, parece que está se concretizando. Em pouco tempo a mulher submissa e sexo frágil, vem se firmando a frente de grandes empresas e se definindo como transformadora.

Não deveria causar espanto e nem indagações, afinal, isso não aconteceu do dia para noite, foram anos de luta. Luta pela igualdade entre os sexos, direitos iguais e deveres iguais.

Os homens não precisam mais abrir a porta do carro, abrir a lata de palmito e nem mandar flores. Mas, mesmo depois de lutar pela "igualdade" entre os sexos, as mulheres ainda reclamam que não se fazem mais homens como antigamente. Peraí? Quem quer coisas iguais? Que mulher é essa que se define transformadora e não quer a transformação do sexo oposto? A transformação esperada deveria ser a geral, todo mundo transformado!

E quando o assunto é sexo, existe até livro que explica porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor. Que livro mas antiquado! Quem disse ao autor que mulher faz amor, ele se esqueceu que a mulher atual é transformadora e que assim como o homem busca no sexo o prazer sem pensar nem buscar sentimento. Vai vê ele não sabia do novo perfil, ele ainda não conhecia a mulher transformadora, ou então ela ainda não existia.

Uma coisa que com certeza não transformou foi o imutável comportamento "reclamador" da mulher, que não cansa de relembrar do romantismo que acabou, do amor que banalizou, do carinho e do companheirismo que ficou no tempo junto com a mulher submissa.

Depois de lutar pela "igualdade" entre os sexos, as mulheres ainda reclamam que não se fazem mais homens como antigamente

A mulher transformadora se esqueceu da delicadeza feminina e se transformou com o mesmo radicalismo e exagero com que ela se dedicava ao homem do século passado. O meio termo não é possível? Podia ter sido uma transformação menos agressiva, menos assustadora. Já estou até com saudades do machismo do século passado, o feminismo é bem pior. O homem se garante, mas não se firma como ser independente do outro, com todo machismo a mulher nunca deixou de ser o assunto preferido deles.

A "transformadora" não, ela cuida do corpo, quer se ver linda pra si mesma, quer se informar e até cuidar do filho sem interferência de ninguém, nem do pai da criança. Pra quê tanto feminismo?

Shakespeare que nem conhecia a mulher transformadora já disse que "…porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não o ame com tudo o que pode, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar ou viver isso…".

A cumplicidade entre os sexos poderia suprir esse ideal de igualdade. Cuidar e ser cuidada, se dedicar e receber carinho como pagamento, fazer amor e receber amor. Isso tudo sem cobranças de igualdade. Sentimentos não se igualam, cada um sente de uma forma e transmite da forma que sabe e julga suficiente

issuu-downloader.com

Saúde pública

Perigo que ronda a cidade

fotos: reprodução

Em Uberaba, os pombos dominam o centro da cidade. À noite é a vez dos morcegos comandarem

Keyla Cristina
6° Jornalismo de Jornalismo

Aparecido Silva França, eletricista, teve que mudar por completo sua rotina. Seu pai, José Silva França, 85 anos, há três anos faz hemodiálise constantemente. Após ter aposentado, o Sr. José passava boa parte do seu dia na praça do Correio. Um certo dia, ele teve hemorragia no esôfago. Ao ser levado ao hospital, para fazer uma cauterização, descobriu que estava com um vírus causado pelas fezes do pombo. Segundo Aparecido, conseguiram detectar antes de se manifestar, pois a doença é fatal. O tratamento foi feito com remédios que o Sistema Único de Saúde (SUS) fornecia, que vinha dos Estados Unidos. Só que esta medicação era muito forte e danificou os rins, por isso o motivo das hemodiálises. Hoje, Sr. José se encontra totalmente debilitado. Aparecido comenta que o pai usa fraudas, depende para tudo de alguém, não reconhece mais as pessoas e mistura o passado com o presente.

Os pombos são aves comuns em quase todas as cidades. Considerados como símbolo da paz e alimentados por milhares de pessoas, poucos sabem do perigo à saúde pública que estes animais significam. Segundo Dr. José Natal, diretor de departamento de saúde clínica de Uberaba, as fezes desta ave podem conter fungos e outros micro-organismos causadores de doenças graves como a criptococose e toxicoplasmose.

Criptococose é uma micose que atinge com mais frequência os pulmões e o sistema nervoso central. Causa infecção no pulmão, rins, próstata, ossos ou fígado, demostrando poucos sintomas localizados. Na pele podem aparecer lesões. A forma de conataminação se dá pela inalação dos fungos contidos nas fezes de pombos e o contágio não acontece de pessoa por pessoa. Se tratada pode levar à morte. Cães, gatos, cavalos, vacas, macacos e outros animais também pode adquirir a doença. A Toxicoplasmose, causada por protozoário. Passada por animais domésticos, especialmente pombos e gatos. Pode causar cegueira em adultos. Mulheres grávidas com a doença desenvolvem problemas no feto: catarata, cegueira, deficiência da inteligência. A doença é detectada através de exames de sangue.

Outro animal que aterroriza a população da cidade atualmente são os morcego, os únicos mamíferos voadores. Existem cerca de mil espécies de morcegos no mundo. A maioria deles, principalmente os urbanos alimentam-se de frutas e insetos. Segundo Flávia, chefe do centro de controle da Zoonoses, quando há a presença do animal alojado, entre em contato com o centro de controle para que possa ser feito a desaloja. Após isto, o mamífero é solto no campo, pois são, assim como os pombos, protegidos pelo IBAMA (possuem seu papel fundamental no meio ambiente – predadores naturais e polinização). Vale lembrar que o morcego morde e este pode ser portador de raiva, por isso a necessidade de estar retirando os da área urbana. Os morcegos não costumam morder, apenas como defesa quando se tenta pegá-los. Deve-se evitar sempre o contato direto com qualquer tipo vivo ou morto.

A arquitetura dos prédios favorece muito para que continuem na cidade, pois há muitos locais para pousarem

Flávia comenta que em relação aos pombos, há a necessidade do auxílio da população para evitar a infestação de pombos. A arquitetura dos prédios favorece muito para que continuem na cidade, há locais para pousarem. Portanto ela alerta para se coloque peitorais nos beirais das janelas, calhas deve ser fechadas com jornais e nunca alimente pombos. Eles causam diversas doenças. A Zoonoses faz o trabalho de retirada dos ovos da ave, só que o trabalho é lento e só há duas pessoas destinadas a este trabalho na cidade. Em praças públicas não adianta soltar fogos de artifícios para espantá-los, eles sempre voltam.

Raiva

A raiva é uma infecção viral do sistema nervoso central. A infecção resulta de uma inflamação do cérebro e, às vezes, da medula espinhal. Ao se manifestarem os sintomas, a doença é quase sempre fatal.

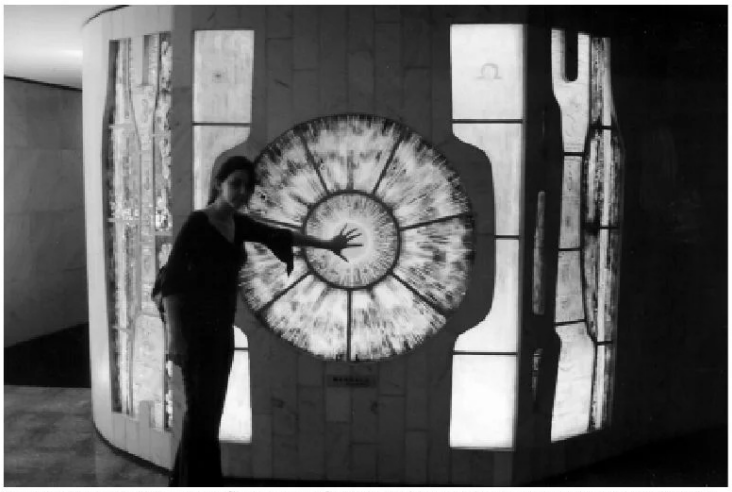
Para haver risco de se contrair raiva é necessário contato da saliva ou do sistema nervoso de um animal raivoso com ferida aberta ou mucosas (olho, nariz ou boca).

issuu-downloader.com

Religiosidade

Ecumenismo, meditação e fé

Pessoas místicas e de diversas crenças buscam em Templo Ecumênico a renovação íntima, o conhecimento humano e espiritual



Mandala que simboliza unificação dos povos é um dos objetos admirados pelos visitantes do templo

Milhares de visitantes percorrem a espiral, que fica desenhada no chão de mármore da pirâmide

Laura Pimenta
6º período de Jornalismo

Quem entra no Templo da Boa Vontade (TBV), em Brasília, tem a oportunidade de conhecer um mundo diferente, místico e para muitos transcedental.

A atmosfera silenciosa da pirâmide de 21 metros de altura e 28 metros de diâmetro é completada pela presença imponente de um gigante cristal de aproximadamente 21 quilos localizado no topo central do templo.

Os números da pirâmide são todos bastantes significativos, sendo grande parte deles ligados ao número sete, da perfeição divina. As formas esculturais que formam a pirâmide, por exemplo, têm sete faces.

O Trono de Deus, obra do escultor italiano Roberto Moricone, feito com aço inoxidável, e que representa os quatro elementos da natureza: ar, água, terra e fogo, tem também seus sete degraus. Quem medita em frente a este trono, tem a oportunidade de beber em seguida, um pouco de água energizada.

O Templo fica aberto à visitação durante 24 horas por dia, todos os dias do ano e é um dos locais mais visitados da Capital Federal, segundo dados da Setur – Secretaria de Turismo do Distrito Federal, recebendo anualmente cerca de um milhão de peregrinos e turistas.

Muitas destas pessoas já circularam descalças pelo chão de mármore do local, que tem um desenho de uma espiral, simbólica do ciclo da evolução humana.

O percurso feito através da faixa escura da espiral, em sentido anti-horário, leva até o centro da pirâmide e significa a busca pela renovação íntima. "Ao chegarem ao centro da pirâmide muitas pessoas param por algum instantes e fazem suas meditações de forma mais intensa", explica Paulo Cesár Pereira, voluntário do templo.

O retorno é feito através da faixa clara, em sentido horário. É quando os peregrinos caminham para uma nova jornada, uma nova vida de fé, amor e paciência.

Templo fica aberto à visitação durante 24 horas por dia, todos os dias do ano, e é um dos locais mais visitados da Capital Federal

O Templo da Boa Vontade foi idealizado e construído pelo líder da LBV (Legião da Boa Vontade), José de Paiva Netto, quando em 1989 ele foi inaugurado e aberto a visitação. Após a inauguração do TBV, houve a inauguração do Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica (ParlaMundi), aberto em 1994, bem ao lado do templo.

Templo da Boa Vontade foi idealizado pelo líder Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto

O líder da LBV anunciou as duas obras, ambas construídas com a colaboração financeira de várias organizações nacionais e internacionais, como sendo os "símbolos da Espiritualidade Ecumênica, solo sagrado em que os Seres Humanos e Espirituais de todas as raças, culturas e crenças religiosas podem se confraternizar e reconhecer que temos todos a mesma origem, que é o Amor".

O Templo da Boa Vontade possui ainda outros espaços para a prática da meditação, como a Sala Egípcia, o Memorial Alziro Zarur (dedicado à memória do fundador da LBV), jardins subterrâneos, além de contar com um espaço cultural interessante, composto por uma curiosa e diverificada galeria de arte.

Um local que costuma ser bastante visitado dentro do templo é o memorial Alziro Zarur. Ao entrar, uma mandala iluminada de cristal fundido, que simboliza a unificação dos povos, culturas e raças, chama a atenção de todos.

O silêncio que reina ali é inacreditável, e por isto muitos estudantes procuram o memorial antes de provações tensas, como os vestibulares. Eles tiram os sapatos, sentam no chão, fecham os olhos e simplesmente ficam em silêncio, como se estivessem voltados apenas para dentro de si. Sem pensar em diferenças e nas competições cotidianas, assim como parece acontecer com todos que adentram ao Templo da Boa Vontade.

O TBV fica localizado em SGAS 915, Lotes 75/76, em Brasília-DF

issuu-downloader.com

Sociedade

Albergue, mostra sua cara

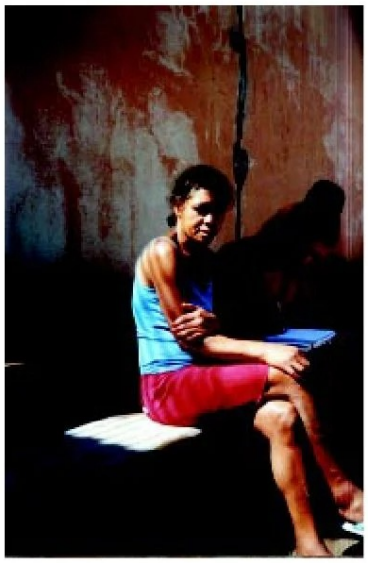
Vidas, histórias, profissões, amores, sonhos. Encontramos todos estes ingredientes no sopão do caldeirão de culturas proporcionado no Albergue Municipal de Uberaba. Fatos escondidos por trás de uma instituição que abriga pessoas das mais diversas regiões do país

Rafael Ferreira
6º período de Jornalismo

Já pensou em fazer um passeio em um lugar super badalado, onde a farra é generalizada e onde você encontra pessoas dos mais variados estilos? Então você deve ir até o Albergue Municipal da cidade de Uberaba. Um passeio pela realidade de um povo marcado de sofrimentos e esperança.

O Albergue funciona no bairro Jardim Triângulo, periferia da cidade e saída para Nova Ponte, município vizinho. Contudo, antes de entrarmos no Albergue e conhecê-lo, vamos fazer um breve prólogo com relação ao órgão que apóia este "depósito de gente", a Secretaria de Trabalho e Assistência Social (Setas).

A Setas possui departamentos relacionados ao bem-estar social da comunidade. E para apoiar o Albergue, existe o departamento de Ação Comunitária, que formula, coordena, acompanha e avalia o trabalho desenvolvido através de programas, projetos e ações que visem ao desenvolvimento de ações comunitárias de caráter especial ou emergencial de apoio ao migrante.



Dona Selma, fugitiva da própria família: "Devem estar todos preocupados, mas é para aprenderem a dar valor no que têm"

Rafael Ferreira

A hora do almoço é muito bem organizada, os albergados, se tornam mais sérios e conversam sobre o destino do país. A música fica para depois

Existem também alguns benefícios assistenciais, concedidos às pessoas que procuram a sede da Setas, que funciona de segunda a sexta-feira, das 12 às 18h. É preenchido um cadastro para que cada caso seja avaliado por um assistente social.

O Albergue tem o papel de acolher pessoas que não têm uma moradia fixa e que passam por necessidades de saúde

Descobrindo o Albergue

O Albergue tem o papel de acolher pessoas que não têm uma moradia fixa e que passam por necessidades de saúde, financeiras, ou as duas. E o local onde se encontra a sede também não está em uma situação nada agradável.

Quando se olha para a fachada, lá estão as cores características de alguns órgãos públicos do município, laranja e verde, bem desbotadas. À frente, uma ambulância, com parte da lataria enferrujada.

Junto ao homem que limpava o veículo, dois tenentes, César e Samuel, que também estavam a trabalho. Simpáticos, indicam a sala de Júlio Antônio Silva, coordenador do Albergue.

Júlio Antônio Silva, coordenador há dois anos, relata que está "demorando" no cargo, pois sempre existe um remanejamento de pessoas pela administração. Ele tem uma preocupação até invejável: não vê a hora do Albergue prosperar.

Pessoas de várias idades passam pelo local, principalmente homens. As mulheres, quando aparecem, trazem consigo "uma trouxa" de três a quatro crianças, às vezes até sete. Os números mostram o quadro nacional da falta de informação quanto a métodos contraceptivos e também contra doenças sexualmente transmissíveis.

Júlio Antônio citou o caso de uma senhora de 44 anos que chegou ao Albergue com gonorréia, cancro e indícios de estar contaminada com HIV. Ela acobertou seus problemas de sáude e foi descoberta no momento do banho, pois quem se encontrava no banheiro feminino não suportou o odor característico de doenças deste tipo.

Dentre estes casos, também há uma preocupação com a tuberculose. Nessas situações, a pessoa é encaminhada para um posto de sáude o mais rápido possível.

As instalações são velhas e antiquadas:

issuu-downloader.com

Albergue acolhe todos os tipos de pessoas, independente de classe social ou raça. A movimentação é intensa principalmente na manhã e hora do almoço

portas com trancas podres, janelas com grades. O Albergue até parece uma espécie de maquete do Carandiru. Mas Júlio não se incomoda em mostrar o local.

Dentro da sede, um cheiro insuportável de urina teima em entrar nas narinas. Parece que o pessoal já se acostumou com o odor. Mais à frente, um grande salão com um forro do teto, parcialmente mofado, ameaça cair aos pedaços pelo excesso de chuva. No interior deste salão, algumas mesas com acomodação para aproximadamente vinte pessoas, uma pequena televisão e um rádio toca-fitas que parecem ter saído de um antiquário. Aparelhos doados que servem de entretenimento para os alojados ou itinerantes.

Pessoas de várias idades passam pelo local, principalmente homens

Uma porta se abre e lá está Mira Dábia, 46 anos, 15 deles a trabalho do Albergue. Ela se diz satisfeita com o que faz, "ajudando quem precisa ser ajudado".

Saíndo da cozinha, Júlio já está com o rapaz que a pouco lavava a ambulância. Seu nome é Paulo Henrique Goiano, 23 anos. Órfão, foi deixado na porta de um orfanato uberabense há sete anos. Neste período, Paulo teve vários problemas com drogas e polícia, mas hoje está com uma vida mais tranquila no Albergue.

Paulo sonha encontrar sua mãe e seus familiares. Mora no Albergue desde a época em que mexia com drogas. "Sinto vontade de reencontrar minha mãe e meus irmãos, queria entender por que ela fez aquilo, mas eu a perdoaria a qualquer momento…", emociona-se.

Nos fundos da instituição, foi feita uma horta que é bem aproveitada tanto na alimentação quanto no trabalho voluntário

Júlio diz que Paulo tem um certo problema de compreensão, pois demora a assimilar perguntas e montar frases. Fala com tristeza e ao mesmo tempo com orgulho que, apesar das muitas dores de cabeça que já teve com ele, depois de anos de serviços prestados dentro do Albergue, Paulo sairá para um novo emprego em Santos (SP).

"É uma pessoa boa. Poderia ficar com ele todo o tempo em que trabalharei aqui, mas além de não ser permitido seu alojamento no Albergue, porque é um local itinerante e torna-se proibida sua permanência, muitos albergados já quiseram morar aqui ou até agredi-lo", explica o coordenador.

Paulo sai cabisbaixo para terminar seus afazeres, enquanto Júlio foi completar a apresentação da instituição. Fomos para a ala feminina. "Um dia, não existiu separação entre homens e mulheres, mas isso aqui parecia uma "zona" e, por isso, precisamos dividi-los" relata. Um pulo rápido para dar uma olhadinha no banheiro coletivo feminino e nos quartos muito simples, com colchões emborrachados. Pelo menos, o cheiro de urina havia acabado.

E além das doenças que a "clientela" traz, no albergue moram pombos que podem contribuir com outras complicações de saúde. Mas o problema está sendo resolvido com um jeitinho todo brasileiro: foram colocadas telas para evitar a passagem dos serelepes bichinhos.

Tudo normal do lado feminino, agora é hora de conhecer a ala masculina, núcleo de todo o mau cheiro. Isso porque, quinze minutos antes da chegada, o senhor Adão Gomes de Souza, 47 anos, teria limpado a área.

Adão, vindo de Malacaxeta, norte de Minas Gerais, não é nenhum desocupado. Veio buscar emprego em Uberaba e deixou seus pais, em sua terra natal. Senhor de pele queimada pela luz do sol, olhos vivos, pedreiro, com um corpo nem tão forte e muito menos minguado, já está de saída para voltar ao norte de Minas.

A ala masculina não é diferente da feminina mas, por outro lado, a higiene anda faltando aos homens. No banheiro encontra-se urina e fezes em qualquer canto, como se tudo tivesse virado uma grande privada.

Responsabilidade Social

Esta instituição não encontra-se largada às traças. Alguns médicos da saúde municipal comparecem "vez ou outra", além de fiscais da Secretaria de Trabalho e Assistência Social que procuram na rua mendigos e transeuntes que estejam precisando de uma mãozinha.

E por falar em mãozinha, se a pessoa tem vontade de voltar para casa, a Secretaria consegue a passagem junto ao Terminal Rodoviário e o albergado pode seguir seu caminho. Mas nem sempre essa é a resposta para acabar com os problemas sociais dos itinerantes.

O coordenador Júlio diz que não é possível obrigar o indivíduo a realizar trabalhos comunitários ou voltar para casa sem querer. "Às vezes, os familiares nem querem chegar perto da pessoa".

Depois de uma boa visita, a única decepção foi não ter encontrado Seu Joaquim, que conhece nosso país de ponta a ponta e ainda comenta quais são os melhores albergues do país. Nesse aspecto, os mineiros são muito bons, de acordo com o cronista e engenheiro inspetor do Crea (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), João Eurípedes Sabino, que já teve contato com ele.

Verbas saem do Governo Federal, mas a burocracia impede que elas cheguem com rapidez

João Eurípedes Sabino está realizando um trabalho documentado com alguns andarilhos que têm como rota a cidade de Uberaba e mostra-se preocupado com os problemas sociais de nossa região.

De acordo com Júlio, as verbas saem do Governo Federal, mas a burocracia impede que elas cheguem com rapidez até eles. E só a ajuda do município não cobre as despesas e gastos.

Retornando às origens

Um mês depois, o regresso, para descobrir novas pessoas e sonhos. Aquele rapaz que ajudava Júlio conseguiu um trabalho em uma empreiteira da Petrobrás. O coordenador do Albergue diz isso com muito orgulho. Afinal de contas, "Paulo Henrique merece, é um homem bom, com um coração enorme".

Caminhando no corredor que dá acesso a um pátio para banhos de sol, avista-se um grupo que não estava a fim de se queimar, e permanecia na sombra conversando e rindo. Embaixo de uma árvore franzina, um senhor, ainda mais franzino, apelidado de "Sabonete", pelo fato de sempre estar voltando para o Albergue, matutava. Estava há uma semana na Instituição, mas como já passou tempo demais e o regimento interno não permite uma estadia mais demorada, ele deve voltar para casa. E certamente voltará.

Com um semblante triste e tranqüilo, não mostra vergonha em querer conversar. Luis Cândido que atende por "Sabonete", tem 40 anos, e veio de Goiás para Uberaba bem novinho. Sua família o rejeita e o deixa sempre em trapos, devido ao seu envolvimento com o álcool. "Ele chega ao Albergue com as roupas sujas e rasgadas, damos um jeito, ele retorna para casa e volta sempre da mesma maneira", conta o coordenador.

Sede do Albergue Municipal de Uberaba, situado na entrada da cidade, um ponto estratégico para colher os andarilhos

issuu-downloader.com

Luis Cândido tem as mãos calejadas e um rosto cansado, sente falta da época em que foi jovem, em que tinha força para trabalhar e sempre tinha uns trocados no bolso. Hoje, depende da família, que não o quer nessa condição.

Militante do Movimento dos Sem-Terra, só passou no Albergue porque faltou dinheiro

Sentados na sombra, entre piadas e música, alguns "usuários" do Albergue trocam experiências de vida e muita descontração. Seni Gonçalves, 34 anos, veio de Parambu, no Ceará, para gravar um CD e fazer "sucesso nos canais de televisão", cantava músicas que combinavam com o momento e tinha até uma composição feita para o presidente Luís Inácio Lula da Silva. "É Deus no céu e Lula no Brasil", dispara.

"Liberdade para quem trabalha, queremos reforma agrária, MST!". Esse é o refrão da música. Depois disso é impossível ter palavras. Seni realmente veste a camisa pela reforma, é militante do Movimento dos Sem-Terra, e só passou no Albergue porque faltou dinheiro. Adquiriu a passagem para continuar sua viagem para o Ceará e vai embora.

Já Selma dos Santos, 40 anos, não quer ver sua família "nem pintada de ouro". Fala com mágoa do que aconteceu em sua casa, onde seus familiares sempre arrumavam um jeito de discutir com ela. Como é de "pavio curto", nem as malas pegou, "fugiu" de casa. "Devem estar todos preocupados, mas é para aprenderem a dar valor no que têm", revolta-se. Os parentes de Selma não gostavam de seu vício, o fumo, um dos principais motivos que a fez ir embora.

A única coisa que Selma quer é voltar para casa, pois está cansada de andar o dia todo

Selma tem uma filha, Jaqueline dos Santos, 20 anos, que está em Belo Horizonte, cidade de onde nossa "fugitiva" veio. Sua filha, revoltada com a família, assim como a mãe, saiu de casa e foi morar com umas amigas.

A única coisa que Selma quer é voltar para casa, pois está cansada de andar o dia todo. Ela conta que trabalhou por 6 anos como empregada doméstica em Betim e não ganhou um centavo por isso. Sem carteira assinada, acabou perdendo todos os seus direitos trabalhistas.

"Me viro porque não nasci quadrado, tenho perna, braço e uma cabeça"

De ladrão a senhores de família

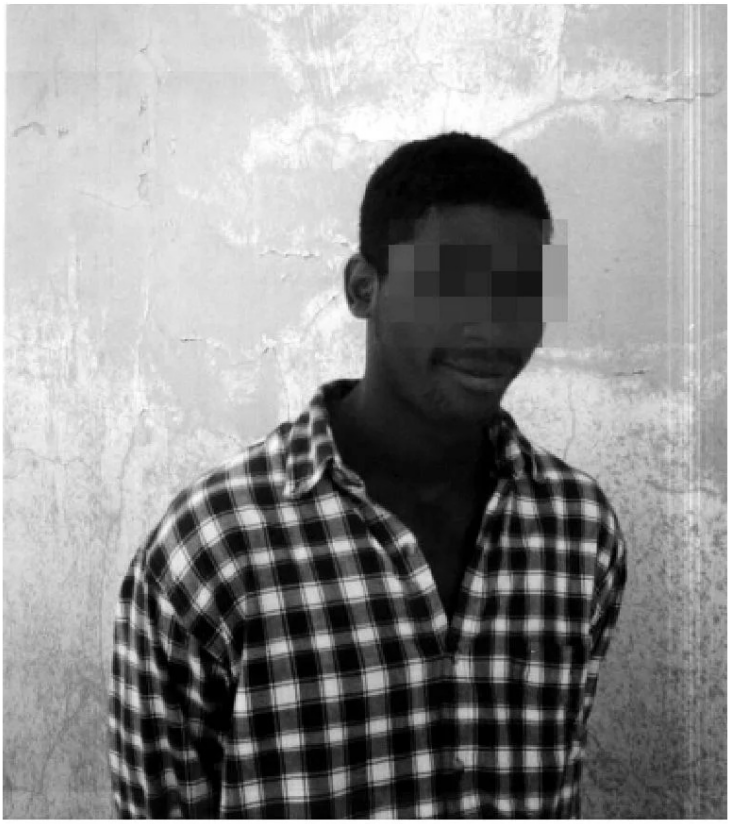
Pelas ruas de Uberaba, várias pessoas dizem que "lugar de gente à-toa é no Albergue". Preconceitos à parte, o fato é que se você um dia viajar para fora do Estado e não tiver dinheiro para voltar pode se tornar um forte candidato a pedir socorro ao pessoal responsável pelo Albergue mais próximo.

Foi o que fez João Tadeu da Ponta, 47 anos, vindo de Franca-SP, procurando trabalho nas plantações de "qualquer coisa". Sua profissão, há 25 anos, é ser caminhoneiro. Não tem um caminhão, pois o que possuía foi roubado há 5 anos.

Correu atrás, fez boletim de ocorrência, sofreu ameaças e nem sentiu o cheiro do escapamento de seu "jacaré 112". Como a vida não pára, procurou serviço em várias empresas, "mas o mercado quer gente nova. Tenho experiência de anos, só que as empresas têm receio de colocar pessoas velhas na direção de um veículo pesado. Isso é medo de acidente", reflete.

Nosso motorista João Tadeu não teve sorte e ficou sem trabalho nos últimos meses. Está

Vida de malandro é assim, não se pode perder o gingado



CHS, relacionamentos que não deram certo, amor e tráfico

issuu-downloader.com

no Albergue Municipal para conseguir passagem de volta à Franca. Pessoa humilde, com um jeito matuto, enquanto conversa está cerzindo uma calça com a agilidade de uma costureira. "Me viro porque não nasci quadrado, tenho perna, braço e uma cabeça". Evitou ser fotografado, com medo de sofrer do mesmo preconceito que nossa reportagem encontrou nas ruas.

Em instituições como essa, passam pessoas das mais diversas classes sociais, desocupados, trabalhadores, gente honesta, ladrão, prostituta, drogados, famílias inteiras, gente que não teve oportunidades ou, se teve, não soube aproveitar.

Um Caso à Parte

O Albergue é um nicho onde encontram-se os mais variados estereótipos humanos. Dá até para conhecer pessoas envolvidas com o narcotráfico. CHS, 24 anos, trabalhou no tráfico de drogas desde criança em uma favela de Santos. Chegou na roda de bate-papo com um suingue de malandro, perguntando sobre a possibilidade de conseguir um emprego em Uberaba. Jovem e sonhador, sabe os percalços pelos quais precisa passar se quiser vencer na vida.

Ficou adulto antes da hora. Aos 10 anos de idade, teve contato com um traficante da favela onde morava. "O traficante é um herói dentro do morro. Quando vê uma criança que precisa de ajuda, vai lá puxar um papo com ela, fica sabendo que a família do moleque tá passando aperto e oferece uma cesta básica para o menino, que nem imagina o que pode acontecer", conta.

Sabonete, olhos tristes e cansado da vida que leva. O álcool "alivia" sua dor

Seni Gonçalves e o novo hit do verão: "Liberdade para quem trabalha, queremos reforma agrária, MST!

Foi assim que aconteceu com CHS. O traficante ofereceu ajuda para a família dele, que não pensou duas vezes em aceitar. Em um outro momento, a ajuda vem maior: uma oportunidade de trabalho. "Tem pivete que se orgulha em trabalhar com traficante, mas pode ser até vantagem se você passar dos 13 anos", relata.

CHS casou-se aos 15 anos com o tráfico e com a mocinha de sua vida

A criança de 10 anos, mesmo recusando a proposta de trabalho, é obrigada a colaborar com o tráfico, pois tem uma dívida com o traficante. Lembra da cesta básica que foi fornecida à família? A partir daí, o menino, que teve uma vida inocente, entra para o crime. Torna-se então o entregador de dinheiro e drogas, conhecido como "aviãozinho" ou "mulinha"

De acordo com CHS, é mais vantagem para o dono do tráfico, pois o menino vai para o Juizado de Menores e seus responsáveis o tiram de lá. "E como não tem outra maneira mais 'fácil' de conseguir um sustento, as crianças sempre voltam para o trabalho", argumenta. Além do mais, continua, "o traficante ganha dinheiro com o garoto, pois ele acaba se viciando em drogas e, então, a divida aumenta"

Assim é a vida de quem passa pelo Albergue: uma luta para sair de situações de miséria, delinqüência e exclusão social

A forma como traficantes inserem crianças no crime não é novidade para muitos leitores. CHS, seus amigos no morro e muitas outras crianças passaram e passam por isso. Uma etapa de dificuldades para uma criança que mal sabe o que a espera. Depois disso, o menino vai para a frente de batalha: se conseguiu sobreviver à guerrilha das ruas terá a oportunidade de manusear uma AR-15, uma escopeta, uma 9 milímetros e outras armas pesadas, a maioria (deveria ser) de uso militar exclusivo.

CHS casou-se aos 15 anos com o tráfico e com a mocinha de sua vida. Ambos relacionamentos que não deram certo. Sua esposa o traiu e seu chefe no tráfico o fez de bode expiatório. Depois disso, tentou viver uma vida mais digna. Não saiu do morro, mas procurou evitar contato com o submundo das drogas. Foi viciado e experimentou diversos tipos de entorpecentes: de ópio à maconha; do LSD à cocaína. Neste meio tempo, conheceu outra moça, casou-se mais uma vez e tornou-se um "soldado do tráfico", para conseguir um dinheirinho.

Recebeu treinamento em campos de combate escondidos dentro da favela. "Treinamento feito só com os caras nos quais o tráfico sente confiança. Se conseguir passar por mais esta etapa, você pode controlar pontos no morro e até se tornar o braço direito do traficante ou tomar posse do morro, coisa que o cara tem que ter muita ginga para fazer", descreve.

Separou-se e casou-se novamente. É um rapaz persistente mas, desta vez, veio para Uberaba tentar algo melhor. Viveu bem como serralheiro. Ele já fez todos os tipos de trabalho que se pode imaginar. Até praticou e ensinou capoeira por 4 anos, além de outras artes marciais que lhe salvaram o coro por muitas vezes. Nunca matou, mas se precisar está disposto para o que der e vier.

Assim é a vida de quem passa pelo Albergue: uma luta para sair de situações de miséria, delinqüência e exclusão social e um sentimento de ódio em ver seu país "transformado em puteiro pois, assim, se ganha mais dinheiro", parafraseando o compositor Cazuza.

issuu-downloader.com

Crônica

Metamorfoses do cofrinho

Fernando Machado
7º período de Jornalismo

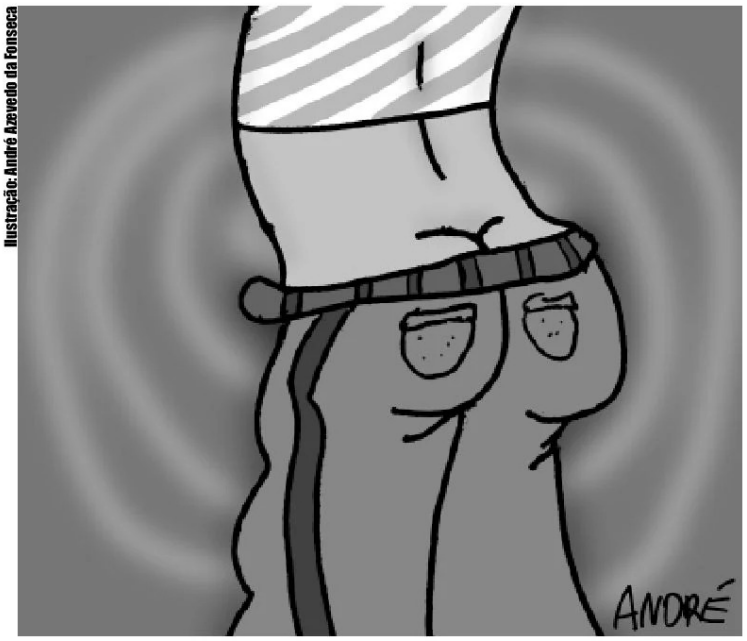


Ilustração: André Azevedo da Fonseca

Uma vez, quando era criança, eu e os amigos que jogavam bola no nosso bairro vimos um senhor trabalhando a terra de um terreno baldio. Concentrado no que fazia, sob um sol escaldante, o homem capinava e não percebia que quase a totalidade de suas nádegas estava de fora. Caímos todos na risada e fomos embora. Embora aquilo fosse grotesco, tinha um lado cômico. Algum tempo depois, este mesmo senhor virou vendedor de picolés no bairro e todos os dias passava em frente à minha casa. Buzinando, gritando *picolé, olha o picolé* e com o ignóbil *reguinho*, que é como falávamos, cintilando sob o sol.

Depois, fui perce-bendo que deixar as calças ou as bermudas abaixo da cintura era mais do que uma simples distração ou técnica para aliviar o calor. O perfil dos adeptos revelava se tratar de um estilo de vida: quase sempre homens casados, muitos deles aposentados, velhos bonachões sem nenhuma preocupação com a aparência. Passeavam de bicicleta e andavam nas calçadas arrastando seus chinelos como se levassem atrás de si um símbolo de despreocupação e liberdade. Talvez fosse uma forma inconsciente de dizer que não davam a mínima para nada.

O tempo não parou e, tanto no primeiro, quanto no segundo grau, um *cofrinho* de fora não deixou de ser motivo de gozação. A coisa só mudou um pouco quando os skatistas também resolveram deixar as bermudas bastante baixas, mas, ao invés do cóccix nu, mostravam as cuecas. Menos mal. O chato é que a moda não pegava com as garotas. Era bastante raro ver uma com o *mucumbu, osso-do-pai-joão* ou *uropígio* (segundo o Aurélio), um pouco mais em evidência. Se isso ocorria, algumas cutucadas entre os meninos alertavam para a novidade. As garotas ficavam constrangidas e se ajeitavam quando percebiam a verdade dos fatos.

O tempo não parou e, tanto no primeiro, quanto no segundo grau, um *cofrinho* de fora não deixou de ser motivo de gozação

Agora, na universidade, me dou conta da revolução que tudo isso sofreu. Com o uso quase que exclu-sivo de calças baixas, as chamadas *saint-tropez*, as garotas revelam muito de si ao se sentar. Meus conceitos sobre a questão sofreram reformulações radicais desde a primeira visão do picolezeiro e dos aposentados do meu bairro, até o testemunho pessoal da adoção desse estilo pelas mulheres em geral, e pelas universitárias em particular. Formoso e delicado, abismal e cavernoso, gordo ou magro, o fato é que qualquer *cofrinho* guarda em si um fabuloso senso de liberdade, de despreocupação e de paz. Por isso é uma conquista da mulher.

Cada vez mais, de forma sublime, as mulheres vão perdendo o medo de deixar à vista, aqui e ali, calcinhas brancas de rendinha, de lacinho e com desenho de bichinhos ou até cuecas, conforme já presenciei. Confesso que diversas vezes me sinto tentado a depositar ali uma moedinha ou, quem sabe, lançar uma campanha, fundar um partido, criar uma ONG. Mas, quer saber o melhor? Elas não estão nem aí.

issuu-downloader.com

Festa

“Chique no úrtimo”

Idosos do UAI mostram disposição e alegria nos bailes da terceira idade

Arte: André Azevedo da Fonseca

Élida Borges Rodrigues
4º período de Jornalismo

Os homens sentados à mesa têm um ar distinto e compenetrado. Sobrancelhas franzidas, rostos pensativos, olhos sempre alertas analisam suas cartas e pensam na melhor jogada a fazer. As mulheres, todas muito bem arrumadas, maquiadas, com suas jóias e roupas bonitas conversam, sorriem descontraídas. Na mesa de sinuca, concentração para a tacada decisiva. A bola está numa posição difícil de acertar, mas o jogador analisa bem qual é o melhor ângulo. Bastante preciso, ele acerta e a gargalhada por vencer a partida é liberada após os breves momentos de suspense. Os companheiros que observam o jogo sorriem junto, mesmo o que perdeu sorri também, afinal é tudo uma grande diversão para os amigos.

É a tarde de sexta feira, o momento mais esperado pelas pessoas da terceira idade que frequentam o UAI (Unidade de Atendimento aos Idosos). As pessoas se arrumam e se preparam desde cedo para o seu grande dia. O dia em que eles dançam, jogam baralho, sinuca, enfim se divertem a valer. Não tem tristeza nem solidão que resista ao baile de sexta. Como diz a senhora Railda Terezinha, o baile é um grande evento na vida de todos os que frequentam o UAI. “É bom porque a gente até vive mais e com mais saúde. A Dona Railda conta que aprendeu a jogar sinuca nas tardes de sexta no UAI e gosta muito. Ela também adora dançar. “Gosto de dançar de tudo que eles tocam aqui”, diz ela bastante animada. Ela até sugere que poderia haver a criação de um bingo, de acordo com dona Railda, cada comerciante poderia doar uma pequena prenda para que se realizasse um bingo toda sexta.

Uma senhora bem arrumada, com um sorriso no rosto observa o movimento a sua volta. É a Dona Maria da Guia, que diz gostar muito de vir se divertir no UAI, “ O baile é chique no úrtimo!”.

Conversa vai, conversa vem e as vezes até surgem romances entre os frequentadores do baile da sexta-feira

Mas adiante há um senhor com pose de galã, bonito, cabelos brancos bem penteados, camisa listrada e calça social, todo arrumado. É o senhor José Eurípedes Arantes, frequentador assíduo do UAI. Faz tempo que o senhor José Eurípedes vai ao baile toda sexta. Ele considera que é um ambiente muito sadio para as pessoas. “Pena que não tem baile todo dia”, diz ele, pesaroso. Ele conta que ás vezes tem muita gente, e mesmo cheio, é bom. Para ele, o baile é uma grande brincadeira que envolve todos os participantes. A grande sensação do baile para o senhor José é a dança. “Eu gosto muito de dançar um forró, mas quando toca um bolero, eu não fico sentado de jeito nenhum”, conta ele animado. Ele dá nota A para o UAI e não perde o baile por nada.

O prefeito de Uberaba, Marcos Montes, diz que fica feliz de estar no UAI, a casa da terceira idade. “É um reconhecimento da sociedade a essas pessoas que tanto fizeram por nós. Acho que quando se começa a valorizar as coisas de raiz da nossa cidade, o que está sendo valorizado é a qualidade de vida”.

As pessoas que ajudaram a construir Uberaba, que fizeram e fazem parte da história da cidade devem mesmo ter o seu merecido reconhecimento, e o direito à diversão e a uma vida feliz e saudável. O entretenimento proporcionado pelo UAI a essas pessoas é uma coisa muito importante na vida deles, lá é onde eles esquecem seus problemas e aflições do dia a dia.

Quem observa a pista de dança se dá conta de que a vida para eles, está apenas começando

Amizades brotam no clima de descontração, conversa vai, conversa vem e as vezes até surgem romances entre os frequentadores do baile da sexta-feira. Um senhor convida uma senhora para dançar forró, e ela, animada aceita. O casal se dirige à pista de dança e a sincronia dos passos dele e dela é surpreendente. A dança expressa a felicidade de ambos, o prazer de aproveitar a vida em todos os momentos.

Quem observa a pista de dança se dá conta de que a vida para eles, está apenas começando. Há tantos jovens que vivem amargurados e depressivos, mergulhados em seus problemas. Os senhores e senhoras do UAI são um belo exemplo para todos de que a vida, por mais difícil que pareça às vezes, por mais atribulada que seja, é para ser vivida e se divertir é garantir a qualidade de vida. A juventude está na cabeça de cada um.

issuu-downloader.com

A calçada da fama te espera.

festival universitário do minuto

Participe do evento mais criativo da Semana de Seminários.
Mostre seu talento e deixe sua marca.

issuu-downloader.com